



ENCONTRO, ENCONTROS

Sérgio Mudado
smudado@uol.com.br

Resumo:

Alternando de modo inextrincável ficção e realidade, o texto conta como se deu o encontro do autor com o GTNM-RJ, e a forte relação que aí se construiu, em que a figura de Maria Auxiliadora Lara Barcelos (Dora, Dorinha, Dodora), militante na resistência à ditadura, presa, torturada, exilada e suicidada em 1976, em Berlim, é presença central.

Palavras-chave: Ficção real, tortura, morte renascimento, história recuperada.

Resumen:

Alternando de modo inextricable ficción y realidad, el texto cuenta como se dio el encuentro del autor con el GTNM-RJ, y la fuerte relación que ahí se construyó, en que la figura de María Auxiliadora Lara Barcelos (Dora, Doriña, Dodora), militante en la resistencia a la dictadura, presa, torturada, exilada e suicidada en 1976, en Berlin, es presencia central.

Palabras clave: Ficción real, tortura, muerte renacimiento, historia recuperada.

Prestem atenção ao texto que se seguirá cursando qual um rio caudaloso de palavras não afligidas por qualquer pontuação pois essa maneira permite ao narrador alcançar a proeza do *empuxo* quer seja a de poder dobrar e desdobrar as dimensões de tempo e de espaço em si mesmos tornando possível mesclar num único fluxo o relato de três acontecimentos autônomos transcorridos em tempos e em lugares diversos e que aqui serão misturados em turbilhão não com o intuito de criar dificuldades para quem lê mas tão-somente para possibilitar a emersão de eventos absurdos ou horripilantes que jamais deveriam acontecer mas que relatados desse modo em curso contínuo suavizam o mal-estar a tristeza e a comoção que provocariam nas pessoas e havendo dito isso já inicio minha prosa despontuada mostrando a cena de um bando de meninos pré-adolescentes no começo de uma noite de outubro aconchegados na esquina da rua onde moram esquadrinhando o céu estrelado com toda a força do olhar buscando detectar a passagem do tal *Sputnik* que

os russos acabaram de lançar no espaço e que os jornais para produzir ainda mais estardalhaço publicavam que essa *lua vermelha* comunista ficava rondando a Terra vigiando o mundo livre aproximando-se perigosamente aproximando-se putamerda posso ouvi-lo aproximar-se ai que medo que pavor ele está chegando ouço o chacoalhar do molho de chaves das celas porque eu estou presa e jogada neste buraco estou totalmente amedrontada e fragilizada e agora o soldado está abrindo a cela isso prenuncia o terror ele veio me buscar ai isso não pode estar acontecendo é um pesadelo e ele violentamente enfia a minha cabeça num capuz negro fedendo a sangue coagulado e me conduz aos empurrões estou com medo com muito medo putamerda outro *empuxo* me coloca no portão da minha casa agora sou este velho que hoje eu sou e que terminou vindo morar na mesma rua de sua infância e por coincidência neste momento está olhando para o lado de cima da rua o mesmo lado daquela esquina de onde na meninice buscava ver o tal *Sputnik* diacho a rua está vazia nesta hora pois é feriado e apenas vejo aquele homem de cor preta descendo em minha direção se aproximando não me parece hostil e me cumprimenta humilde vai com certeza pedir alguma coisa uma esmola um café mas ele aponta o dedo para um objeto de madeira creio que um criado-mudo deixado como refugio no passeio do prédio vizinho e ele me pergunta se eu saberia se aquilo tem dono eu digo que não tem porque o rebotalho está ali há uns três dias deixado com certeza para ser levado por qualquer pessoa e ele mantendo o olhar fixo no cacareco insiste fazendo a mesmíssima pergunta quer saber se pode mesmo levar a peça se não teria problema eu digo que se ele levar o entulho estará prestando um favor limpando o passeio daquela tralha e ele olha fixamente naquela direção olha tentando ver além do olhar putamerda olha tal e qual os meninos na esquina contemplando o céu estrelado se borrando de medo do tal *Sputnik* dos terríveis comunistas russos mas então um dos moleques mais atento volve a cabeça na direção rua abaixo e avista o perigo iminente e já vai dando o alerta *olha a rapa subindo* e no ato foi um pernas para que te quero cada qual fugindo prum canto porque morremos de medo de radiopatrulha sim toda a molecada se borra quando avista a rapa temos muito mais medo da rapa do que do tal *Sputnik* Mamãe nos contou que a polícia prende bate e tortura pessoas e eu perguntei o que era tortura e ela me disse que os policiais enfiavam varas fininhas de bambu debaixo da unha do preso ai que dor mais desgraçada por isso a cambada sempre foge quando passa a viatura da rapa pois se nos pegam acabam com a nossa

raça assim como acabaram com a raça dos tais *espantados* aqueles presos que segundo a reportagem do jornal a polícia retirou da cadeia de Belo Horizonte e levou de trem para o vapor *Baependi* de transporte de gado para serem deportados para a Bahia pelo São Francisco mas que no meio do caminho acabaram sendo empurrados e atirados nas águas profundas do rio putamerda e o soldado me levando encapuzada num repelão me empurra para o interior da *sala roxa* sou atirada no chão e rapidamente cercada por brutamontes que me arrancam toda a roupa e me socam e me pisoteiam e me dão mil choques elétricos no corpo nu que molham para que o choque fique mais forte mais espalhado e o pior está por vir pois estão gritando se eu a puta se eu a vaca tenho medo de jacaré será que ouvi direito eu tenho pavor a jacarés eu tenho pavor a jacarés a cobras a todos esses bichos medonhos e eles têm realmente um filhote de jacaré aterrorizante que colocam sobre o meu corpo um corpo que de tanto apanhar e de tanto medo perde o controle vaza por todos os orifícios eu queria desmaiar eu queria sumir putamerda então o homem preto começa a descer a rua sem pegar o refugio eu chamo o sujeito *ei ei* e ele se volta e eu pergunto se não vai levar a tralha e ele responde tartamudeando que voltará noutra hora e se manda rua abaixo como alguém que foge eu fico olhando a cena e então compreendo que ele tem medo tem medo da rapa porque ele é preto ele é pobre e se numa rua vazia de feriado ele for detido por uma rapa carregando consigo aquele cacareco ele vai ter que se explicar direitinho vai tomar muito tapa na cara até ser levado para a cadeia e terá suas unhas levantadas por um estilete fininho vai gritar vai urrar vai se sujar todo até confessar o roubo que não cometeu.

Uma vez cientes dessas três histórias misturadas, agora narrarei para vocês uma quarta, desta feita utilizando pontuação adequada, para que todos possamos respirar – se realmente for possível respirar nos dias de hoje. Contarei, a seguir, algumas coisas sobre o pensador Walter Benjamin e, presumo, todos aqueles que me leem sabem de quem eu falo. Assim, vou logo para o final de vida desse filósofo, vou para o ano de 1940, quando Benjamin, libertado de um campo de concentração nazista, volta a Paris onde escreve as teses *Sobre o Conceito de História*. Em junho, no entanto, quando as tropas alemãs invadem a capital francesa, Benjamin já havia fugido para o sul. No entanto, desgraçadamente, suicida-se em 27 de setembro, ao se conscientizar da impossibilidade de atravessar a fronteira franco-espanhola, sua única chance para escapar das garras da Gestapo. Em um de seus primeiros grandes

ensaios consagrado às *As Afinidades Eletivas* de Goethe (escrito em 1921-1922), Benjamin estabelece que qualquer verdade pode ser buscada apenas na densidade histórica do texto. Denuncia não somente os limites histórico-culturais que presidem a gênese das obras, mas também – e sobretudo – as deformações a que são obrigadas a se submeter pelo processo de transmissão cultural, que não se desenvolve em um espaço histórico neutro, mas é parte comprometida na história da dominação burguesa. Benjamin critica e mostra como o *historicismo*, sob a aparência de uma pesquisa objetiva, acaba por mascarar a luta de classes e por contar a história dos vencedores na qual as vitórias, celebradas como manifestação dos mais fortes, transforma o sucesso em prova de validade histórica, sem que se indague a respeito das condições pré-estabelecidas de uma luta desigual. De uma luta desigual, repito. Assim, escrever a história dos vencidos exige a aquisição de uma memória que não consta nos livros da história oficial.

Muito bem. Ao escrever o romance *a chama e o vento*, uma obra de ficção e de realidade, de treva e luz, e de sonho, sabia não pretender dar uma descrição do passado absolutamente tal como ele ocorrera de fato, mas o livro, sem que eu soubesse, entre o passado submerso e o presente, logrou emergir esperanças não realizadas desse passado, escrevendo no presente um apelo por um futuro diferente. É precisamente assim que hoje compreendo o mágico encontro da obra (e de seu autor) com o Grupo Tortura Nunca Mais do Rio de Janeiro, que ora passo a descrever. Vamos aos acontecimentos, julguem vocês mesmos se aqui não se operou alta magia. Primeiramente, ouçam: o livro *a chama e o vento* contém os acontecimentos principais da existência intensa e trágica de Maria Auxiliadora Lara Barcelos (Dora, Dorinha, Dodora) – sua formação e primeiras ideias, o início de sua luta contra a ditadura instalada no Brasil em 1964, seguindo-se a sua ida para a clandestinidade e depois, sucessivamente, a sua prisão, tortura, julgamento, exílio e, finalmente, sua morte por suicídio, em Berlim, no dia 01 de junho de 1976, aos 31 anos de idade. Ficcionalmente, no texto, me coloquei como irmão (cinco anos mais jovem) dessa protagonista. A interposição concomitante de coisas de minha própria existência me permitiu utilizar proporções maiores de fabulação e de liberdade poética, em vez de realidade. Não mantive com a família da protagonista nenhum contato durante a tessitura da obra. Sabia da existência da mãe (que veio depois a falecer) e de uma irmã, sendo esta uma médica psiquiatra. Assim, as informações

contidas no meu texto foram extraídas de livros publicados por Reinaldo Guarany Simões, companheiro de exílio de Dora até sua morte, e também por informações e documentos disponibilizados na internet. Aqui, devo salientar: aquela pavorosa cena de tortura em uma mulher, anônima, envolvendo o barulho de um molho de chaves e até mesmo um filhote de jacaré, foi igualmente extraída da NET – jamais seria capaz de imaginar e escrever aquilo por conta própria – e utilizada, ficcionalmente, no texto de *a chama e o vento*.

Ouvi sobre Dora (a quem não conheci pessoalmente, mas apenas em sonhos e pensamentos) pela primeira vez quando iniciei o curso de medicina, em 1969, durante o apogeu de violência da ditadura. Alguém, num corredor deserto do prédio da escola me sussurrou, com medo: *Uma quintanista entrou para a clandestinidade, para a luta armada, a Dodora, você deve tê-la visto por aí...* Essa informação criou em mim, no ato, um contraponto perturbador, que se aferrou, definitivamente, ao meu ser: o imenso e covarde medo da ditadura que me sufocava, dia após dia, contrapunha-se à coragem fabulosa dessa moça que abrisse mão de um futuro que se vislumbrava como seguro, abandonando o conforto e partindo para luta pela Liberdade. Ah! Como gostaria de me banhar, de me impregnar, de beber dessa coragem! Com o passar do tempo, às vezes, apareciam notícias dela: participara de assalto a banco... fora presa e barbaramente torturada... Seu nome constava na lista dos presos políticos que seriam trocados pelo embaixador suíço sequestrado... Pronto, estava agora livre, no Chile... Livre? Em 1973 eu a fugindo às pressas da sanguinária ditadura de Pinochet... Desse modo, por informações partidas, eu seguia os passos de Dodora. A notícia sobre sua morte brutal, mergulhando nos trilhos do metrô de Berlim, me abalou profundamente e, desde então, passei a sentir uma necessidade interior de escrever sobre ela, *de escrever para ela*. Queria lhe contar sobre o maldito medo infligido a mim e a milhões de brasileiros, diuturnamente, de forma brutal, um medo usado como instrumento de dominação e de controle, enfim, uma forma sistemática de tortura com a qual os poderosos mantinham submissa toda uma nação. Em verdade, o mesmo tipo de medo que levava aquele pobre homem preto a desistir de um entulho abandonado em via pública... Sim, sentia a necessidade de contar a ela sobre esse medo amaldiçoado que ela, corajosa, lutara para que deixasse de existir.

O livro *a chama e o vento* foi publicado e lançado em 25 de março de 2015, precisamente na data em que Dorinha completaria 70 anos de idade. Eu não fazia ideia dos acontecimentos (sob forma de *encontros*) que iria vivenciar desde então, até chegar ao Grupo Tortura Nunca Mais do Rio de Janeiro. Assim, ainda na noite do lançamento, quando já me encontrava em casa, assisti a um vídeo que, estranha e curiosamente, havia recebido de um amigo, durante o evento. O CD continha um depoimento de D. Clélia Barcelos, mãe de Dora, a este tempo já falecida. Desse modo, ainda naquela noite, assisti na tela do computador uma longa entrevista na qual essa mulher extraordinária relatava o seu sofrimento e a sua luta sem trégua, desde a passagem de sua filha para a clandestinidade (seguida de prisão, tortura e exílio) até a sua morte no estrangeiro. Devo aqui enfatizar o momento final da entrevista, do qual jamais me esquecerei, quando, no funeral da filha – funeral finalmente “autorizado” pela implacável ditadura – D. Clélia disse: *Você, minha filha, viveu uma vida curta, mas viveu intensamente, viveu mais do que muitos que vivem cem anos. Você fez o que estava no seu coração. Você me falava que a História de um país muda é assim, é devagar* (Dorinha conhecia as ideias de Benjamim?), *que é feita com o sofrimento de quem tem força para sofrer...* Tinha eu, naquele instante, estampado na tela, o rosto daquela mãe, vincado pelo sofrimento. Embargado, acariciei a imagem, sussurrando: “Ah, mamãe, hoje é o aniversário da sua filhinha, e foi por isso que eu...”

Algum tempo após o lançamento de *a chama e o vento*, compareci, numa tarde ensolarada de sábado, ao *Viaduto Dona Helena Greco*, assim nomeado como tributo a essa mulher, cujo nome se mescla, de forma indelével, à defesa incansável dos Direitos Humanos e da plena cidadania. Portava comigo três exemplares do meu livro, sendo que dois desses eram destinados ao Professor Dirceu Greco, filho de Dona Helena, que ficou de entregar um deles para uma das irmãs de Dorinha, também médica (e que ele, o Dirceu, conhecia.). Vejam só! Durante o evento, uma das mulheres palestrantes, por algum motivo que até então desconhecia, chamou profundamente a minha atenção. E não é que, pouco depois das falas, havendo ainda, sob o viaduto, uma apresentação teatral, aconteceu dessa senhora vir a se sentar bem à minha frente? Vencendo habitual timidez, toquei-lhe o ombro, me apresentei, perguntando-lhe se ela havia conhecido a Dodora. A mulher abriu um grande sorriso, respondendo um *sim*. Aproveitei a brecha, falei sobre o livro e pronto: dei-lhe o

exemplar restante, que ela me prometeu ler. Tratava-se, confirmei depois, de Cecília Coimbra, uma das fundadoras do Grupo Tortura Nunca Mais do Rio de Janeiro. Então aconteceu o inimaginável: passados alguns dias, recebo um telefonema do Rio. Tratava-se de Cecília, e ela, pude imaginá-la bastante emocionada, e ela me disse que já havia lido o livro e, aos soluços, me perguntava, com voz entrecortada, *se eu sabia, se eu sabia?*... (Sabia o quê, diabos?) Ainda, aos espasmos, ela conseguiu me dizer que *ela era a mulher do depoimento*, isso mesmo, ela era a pessoa torturada do meu livro, a mesma mulher da história na introdução deste texto, aquela que sentira pavor de barulho de chaves, que experimentara o horror dos horrores, quando colocaram um filhote de jacaré para passear sobre o seu corpo seviciado, eletrocutado, coberto de hematomas.... Fiquei paralisado. Eu não sabia... Pois havia extraído da internet aquele horror que utilizei no meu texto para compor o papel de uma personagem anônima e quando o fiz, sequer imaginava que a verdadeira supliciada ainda estivesse viva. E muito menos poderia conceber que teríamos, ela e eu, num futuro não muito distante, um encontro marcado sob um viaduto...

Nesse mesmo local, também fiquei conhecendo a filha de D. Helena Greco, Heloísa – a Bizoca que, tal mãe tal filha, tornou-se uma lenda na defesa dos Direitos Humanos. Não demorou muito tempo para que estas duas mulheres formidáveis – Cecília e Heloísa – programassem um relançamento do livro *a chama e o vento*, no Instituto D. Helena Greco, em Belo Horizonte. Só que desta vez, me garantiram, o encontro contaria com a presença da família da Dorinha.

E assim foi feito, ai de mim. Não poderia jamais imaginar um acontecimento desse naipe. Cecília veio do Rio de Janeiro e, numa noite memorável, lá estava eu, um autor de ficção, compartilhando a presença de duas irmãs e um irmão de Dodora, a minha protagonista. Experimentei uma sensação que não ousa descrever quando, diante dos meus olhos, a realidade – sólida, palpável – chocava-se como ondas nas praias de minha mente ficcionista. Porque, imaginem só, aquelas pessoas, de algum modo, se tornaram meus irmãos, podem me entender? E naquela noite, tomado de profundo sentimento, relatei a intensa emoção na noite do primeiro lançamento, aos 70 anos de Dorinha, quando, por intermédio de um vídeo, conheci a mãe extraordinária, a D. Clélia, de quem pude ouvir: *Você, minha filha, você fez o que estava no seu coração!*

Cecília Coimbra e o Grupo Tortura Nunca Mais do Rio de Janeiro ainda tinham outros planos para o livro *a chama e o vento* e assim, quase num piscar de olhos, eis que já me encontro, certa noite, no auditório Paulo Freire, da UNIRIO. Um novo lançamento fora marcado e desta feita, eu, junto com o meu medo natural, estaria em meio a heróis de minha juventude, companheiras e companheiros de Dorinha e de Cecília: a turma de valentes que lutou contra da ditadura de 1964. Eu não podia conceber, nem de longe, o que me aguardava naquela noite. Num hotel em Copacabana, eu passara e repassara o que pretendia dizer durante o evento. Havia decidido contar a história daquele homem preto que, tomado por medo profundo, um medo filogenético, não carregara consigo um traste largado num passeio de rua. Sim. Falaria sobre o medo implantado pelos senhores do Medo, escravocratas de sempre, que à força de maus tratos, de torturas sistemáticas sobre gerações e gerações de brasileiros pobres, humildes, pretos, humilhados e execrados, apátridas excluídos de quaisquer possibilidades de cidadania, mantinham um povo inteiro vivendo em condições subumanas e em contínuo temor. Falaria, enfim, sobre a *tortura sócio racial* que, sem dar tréguas, vige neste país desde sempre. Imaginei, para aquela noite, a presença de pequena plateia. Seria, assim como tinha sido no Instituto Helena Greco, quase que somente uma reunião íntima, um bate-papo em família... Qual o quê! Enganei-me redondamente: o auditório lotou-se. E lotou-se principalmente com a presença de muitos e ilustres *facas grandes*. Sabem o que é isso? Pessoas que para lutar contra a ditadura foram treinadas a pegar em revólveres e em *metrancas* – como eram chamadas as metralhadoras.... Integrei a mesa na sala da UNIRIO sentando-me ao lado de Cecília, do escritor gaúcho Danichi Mizoguchi e de Sérgio Campos, este, companheiro de militância de Dora. Ao olhar a plateia se avolumando, fui tomado por estranho pressentimento. Alguma coisa, de aparência surrealista, no entanto, não absolutamente absurda e inexplicável, suceder-se-ia naquele lugar. E depois que tudo aconteceu, ousou dizer que, ali, *tempo e espaço* brincaram de ciranda, precipitando-se em si mesmos, rodopiando, fazendo erguer a verdadeira música: a música da palavra que nunca se cala, aquela que mesmo dissolvida em sangue, escorre pelos lábios ferindo de morte os ouvidos dos tiranos, dos algozes.... Porque o evento naquele local, constituiu-se, em minha cabeça, em prova cabal de que a história é aberta, e pode e deve ser contada de *outra forma*. E era justamente o que aquelas pessoas ali reunidas pareciam estar incumbidas: dar um

outro sentido à dramática história deste País de desigualdades. Não foi necessário discorrer, como havia treinado tantas e tantas vezes mentalmente, sobre aquele homem preto que subjugado por um medo atávico não conseguira levar um refugo abandonado na via pública para ser recolhido por quem quisesse. Não e não. Senti mesmo a necessidade de falar sobre a Dorinha. E muitos outros, com mais propriedade, falaram da Dorinha, mas também da escravidão, da miséria, do racismo, das cadeias e penitenciárias sub-humanas lotadas, da tortura e do medo sem fim e perverso, porquanto usado como efetivo instrumento de dominação de um povo por uma elite egoísta e cruel. Por isso, ouvia-se em cada fala, sobre a necessidade de se prosseguir com a boa e justa peleja, sempre e sempre. A Bizoca, então, esta inflamou-se maravilhosamente! Havia, por assim dizer, empolgação no ar, um *accelerando* de uma sinfonia que nos transportava para uma outra dimensão, pois a partir de um dado momento, parecia que não mais estávamos naquele lugar, que havíamos sido veiculados a um mundo paralelo no qual se estendiam vastas ondas de sombra e de luz, de presente e de passado, de ventos e de calmaria, de sonhos – um lugar onde, afinal, buscávamos desvendar e capturar um só tema concernente a todos os seres humanos: *a Liberdade*. Ai de mim! Onde me metera? Sentia arrebatamento e medo. Sim. Sempre o medo. Meu coração martelava. A certa altura das manifestações percebi a própria Cecília empalidecer, talvez, imaginei, sofrendo uma crise hipertensiva. Momentos antes, ela me tocara o braço, sussurrando: *O Reinaldo nunca havia se extravasado daquela maneira em público, olha só o que o seu livro está provocando....* Referia-se ao escritor Reinaldo Guarany Simões, o companheiro de exílio e, devo repetir: a fonte principal das minhas informações sobre Dodora. Ele, com mais propriedade que quaisquer outros, relatava os acontecimentos pregressos, de maneira pungente, para que pudéssemos entender o que realmente se passara com Dorinha. E para que também pudéssemos experimentar, por seu testemunho, a ruptura profunda, irremediável, intransponível ocorrida no âmago do ser daquela valorosa mulher: como que ela perdera a vontade de voltar, não mais se sentindo brasileira, não mais se sentindo pertencente a lugar algum deste mundo. Porque certo dia, cedinho, ela saiu e foi caminhando entre as flores do parque confundindo-se com os brilhos de chuva da noite passada, não experimentando medo, somente acreditando não haver mais nada a percorrer. Fizeram-na, na prisão, com a tortura, morrer – morrer o máximo que conseguiram fazê-la morrer. Cabia,

apenas a ela, escolher o momento para consumir o resto de vida que lhe sobrara. Quando o Reinaldo, que viera à frente do auditório, começou a falar sobre Dorinha, fui tomado por uma vertigem intensa e para descrever o que aconteceu novamente as palavras tornam a repelir sinais de acentuação precipitando-se descontroladas girando enlouquecidas e na turbulência das partículas sou subitamente lançado noutra dimensão percebo-me estranho mesclam-se em mim excitação e fadiga e como numa aura epilética dostoiievskiana me sinto repleto de algo extraordinário e imenso e num dado momento volto a cabeça em direção de Cecília ela se encontra realmente muito pálida mas está sorrindo para mim alguma coisa não sei bem o que precisamente havia se deslocado porque ela agora está diferente estremeço com a visão de sua mudança fisionômica putamerda naquele momento percebo que não estou vendo a Cecília mas sim outra pessoa me fitando com intensidade e posso ouvi-la comentar sorrindo para mim *Guarazinho sempre exagerando* ai dela ai de mim Dorinha Dorinha e neste instante toda a minha alma se inunda de intensa claridade interior que me traz a compreensão: *o meu sonho transcendera o abismo...*

De volta ao hotel, exausto e ainda aturdido, adormeço numa poltrona do quarto, estou voltado para o mar de Copacabana. Torno a sonhar, sonho com Dorinha, sonho que, finalmente, seremos livres – livres ao raiar do Sol, porque voamos para longe das trevas, do medo, da violência sem fim, para um lugar onde inexistente – por não ter qualquer sentido – a palavra *tortura*, um lugar onde, completamente redimidos, nos embriagaremos de liberdade, sei que estou sonhando, não me importo, este é o meu sonho, o sonho que devo sonhar....

Amanhece, desperto, abro os olhos e miro o oceano que se descortina à minha frente, estendendo o olhar até a linha do horizonte.... Então a avisto. Pela primeira vez. Sobre o mar, alheia a todos os acontecimentos, uma *andorinha* – qual uma pequenina Fênix – risca o céu com curiosa graciosidade, como estivesse escrevendo a primeira palavra saudando o alvorecer de um novo dia, de uma nova vida...

Referências bibliográficas

Gagnebin, J.M. *Walter Benjamin: os cacós da História*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1982.

Mudado, S. *A Chama e o Vento*. Belo Horizonte: Editora Kore, 2015.

Simões, R.G. *Fornos Quentes*. São Paulo: Editora Alfa-Omega Ltda., 1980.

Simões, R.G. *A Fuga*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1984.

Sérgio Mudado. Escritor, autor de vários romances: *O quarto selo-A origem secreta da AIS* (1989), *Uma vez ontem* (1997), *Vassalu- A saga de um cavaleiro medieval* (2006), *Os negócios extraordinários de um certo Juca Peralta* (2010) - finalista do prêmio São Paulo de Literatura, *O escritor e o diabo* (2011) e a *A Chama e o Vento* (2017). E-mail: smudado@uol.com.br

Artigo recebido para publicação em: Fevereiro de 2018.

Artigo aprovado para publicação em: Março de 2018.

Como citar:

MUDADO. Sérgio. Encontro, encontros. **Revista Transversos**. “**Dossiê: Grupo Tortura Nunca Mais do Rio de Janeiro: três décadas de Resistência**”. Rio de Janeiro, n.º. 12, pp. 309-318, Ano 05. abr. 2018. Disponível em: <<http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/transversos>>. ISSN 2179-7528.

DOI: 10.12957/transversos.2018.33708

